

**Maria Aparecida Borges de Barros Rocha\***

## **VIVER E MORRER EM CUIABÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

**Resumo:** Este texto propõe discutir relações que mantemos com a morte e com os mortos, a partir de investigações em torno de pistas e sinais apresentados pela literatura pertinente e por testamentos oitocentistas da cidade de Cuiabá, nosso objetivo é vislumbrar as principais preocupações diante da morte e as práticas de enterramentos desenvolvidas na segunda metade do século XIX em Cuiabá.

**Abstract:** This text proposes discuss relations that we have with the death and the dead, from investigations around tracks and signals produced by the relevant literature and the wills oitocentistas the city of Cuiabá, our goal is to discern the main concerns facing the death and burial of the practices developed in the second half of nineteenth century in Cuiabá.

**Palavras-chave:** Morte, Cuiabá, História Social.

**Keywords:** Dead, Cuiabá, Social History.

### **Introdução**

O além é um dos grandes horizontes das religiões e das sociedades. A vida do crente se transforma quando ele pensa que nem tudo fica perdido com a morte [...].<sup>1</sup>

Neste artigo temos como objetivo abordar as relações de homens e mulheres com a morte numa pequena cidade do interior do Império Brasileiro na segunda metade do século XIX. A partir de informações dos testamentos oitocentistas, propomos observar como a população da cidade de Cuiabá se relaciona com a morte no período referenciado e quais as práticas funerárias desenvolvidas em seu cotidiano.

A partir de algumas leituras indispensáveis para pensar uma discussão em torno da temática da morte, da construção de cemitérios e das transformações nas práticas de

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, com a monografia: *Transformações nas práticas de enterramentos em Cuiabá, 1850-1889*. Publicada em livro pela Lei de Incentivo à cultura do Estado de Mato Grosso pela editora Central de Texto.

<sup>1</sup> Le Goff, *A bolsa e a vida – a usura na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

enterramentos, levantamos algumas questões que consideramos pertinentes e sobre as quais pretendemos pensar:

- Como a História tem lidado com a morte?
- Como historicamente a morte tem sido pensada?
- Quais as principais preocupações dos moribundos na hora da morte?
- O que era considerado bem morrer no século XIX?
- Quais as principais preocupações dos moribundos?
- Quais os principais cuidados nesses últimos momentos?

Enfim, como era a convivência com a morte na cidade de Cuiabá na segunda metade do século XIX?

Para refletir sobre essas questões consideramos pertinentes as obras clássicas da historiografia francesa como os trabalhos de Philippe Ariès<sup>2</sup>, Georges Duby<sup>3</sup> e Michel Vovelle<sup>4</sup>, que muitas contribuições deixaram a partir de seus estudos sobre a morte e o morrer no ocidente cristão. Apesar de se debruçarem sobre as relações do homem europeu diante da morte, pensamos que num esforço de compreensão da nossa realidade, muitas de suas considerações podem ser utilizadas, afinal somos resultados de uma colonização européia, que nos deixou muitos traços daquela cultura e, como afirmou Vovelle: Nada é mais cultural do que a morte<sup>5</sup>.

Privilegiando a produção historiográfica nacional, consideramos relevantes os trabalhos bastante conhecidos de João José Reis<sup>6</sup> e Cláudia Rodrigues<sup>7</sup>, que discutem a morte, a construção de cemitérios e da transferência dos enterramentos respectivamente na Bahia e no Rio de Janeiro, nos séculos XVIII e XIX. Felizmente muitos estudiosos tem se dedicado ao assunto mais recentemente, apresentando trabalhos igualmente importantes que ampliam as discussões sobre a morte e o morrer, assim como sobre a higienização das cidades, o contágio das epidemias, as transformações urbanas e a secularização dos cemitérios em outras Províncias do Império Brasileiro, ou em outros Estados da Federação, mas, sempre enriquecendo a produção nacional sobre o tema,

---

<sup>2</sup> ARIÉS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977<sup>a</sup>.

<sup>3</sup> DUBY, George. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

<sup>4</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>5</sup> Ibidem, Idem.

<sup>6</sup> REIS, João José. *A Morte é Uma Festa*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além – A secularização da morte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

como aqueles desenvolvidos por Érika Amorim da Silva<sup>8</sup>, Vanessa Sial<sup>9</sup>, Fernanda Maria Matos da Costa<sup>10</sup>, Cassiana Lacerda Carollo<sup>11</sup>, Renato Cymbalista<sup>12</sup> e Maria Aparecida Borges de Barros Rocha<sup>13</sup>.

Devemos nesta oportunidade registrar os trabalhos igualmente importantes desenvolvidos por um grupo de pesquisadores organizados em torno da ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, que vem se reunindo em torno de Congressos e Seminários com objetivo de privilegiar a apresentação de trabalhos científicos e a troca de informações em torno das temáticas já enunciadas, além de propor ampla investigação sobre a arte cemiterial, envolvendo diversos pesquisadores como historiadores, cientistas sociais, arquitetos e literatos além de outros profissionais envolvidos com essa trama.

Os cemitérios podem ser considerados como fontes valorosas de informações de valor histórico, cultural, artístico, ideológico e religioso, não devendo, portanto ser negligenciado pela historiografia.

Esses encontros têm estimulado a formação de grupos de estudo e pesquisa em vários Estados do país, tendo como principal resultado o avanço nas investigações da produção historiográfica nacional acerca dessa temática.

A respeito da produção historiográfica nacional sobre arte cemiterial e monumentos funerários no Brasil, não podemos deixar de considerar os trabalhos de Harry Rodrigues Bellomo<sup>14</sup> e Maria Elízia Borges<sup>15</sup> pois suas pesquisas têm investigado através da arte, a história e a memória registrada e perpetuada no mármore e em outras rochas e ornamentos dos túmulos, envolvendo análise artística criteriosa em torno de seus diversos símbolos e formas. Através da história e da memória revelada nesses cemitérios é deslindada a cultura, o cotidiano, a religiosidade, a vida e a morte de

---

<sup>8</sup> SILVA, Érika Amorim. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do séc. XIX – 1850/1991*. Dissertação de Mestrado – PUC/SP, 2005.

<sup>9</sup> SIAL, Vanessa Viviane de Castro. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do séc. XIX*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2005.

<sup>10</sup> COSTA, Fernanda Maria Matos. *A morte e o morrer em Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado - UFJF

<sup>11</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula – monumento e documento*. Curitiba: Fundação cultural de Curitiba, 1995.

<sup>12</sup> CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos vivos: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2005.

<sup>13</sup> ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Transformações nas práticas de enterramento – Cuiabá, 1850-1889*. Cuiabá, Central de texto, 2005.

<sup>14</sup> BELLOMO, Harry Rodrigues( org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul – Arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

<sup>15</sup> BORGES, Maria Elízia. *Arte funerária no Brasil – 1890 a 1930*. Belo Horizonte: Ed. Com arte, 2002.

homens e mulheres que, nesse território e dessa forma deixam sinais e pistas ao historiador que aguardam e merecem ser investigadas.

Essa prática de registros em pedra e mármore nos remete à costumes muito antigos, pois conforme Le Goff, os túmulos são também lugares de memória e de história, afinal,

A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os “arquivos de pedra” acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea<sup>16</sup>.

A morte é um assunto que costuma trazer inquietação, mas, tem deixado de ser interdito, pois, além de estimular a produção historiográfica, com grande frequência tem movimentado a opinião pública a partir dos meios de comunicação, que nos informam sobre os mais diversos confrontos com a morte gerados por catástrofes, intempéries naturais, pela ação direta do homem sobre a natureza, quando envolve ações humanas nos conflitos armados, ou quando discute difíceis relações entre o homem, a doença e a morte.

Existe sem dúvida um grande interesse sobre o assunto, mas ao mesmo tempo existe também um grande receio em discuti-lo, não é realmente um assunto como outro qualquer, não é uma discussão fácil de ser abordada, mas, é uma discussão que fascina, enquanto amedronta. Essa discussão tem sido feita, além dos historiadores, também por antropólogos, médicos, etnólogos, psicólogos e sociólogos, que de acordo com suas especificidades, procuram compreender diversas facetas desse acontecimento.

A história da morte revela também uma realidade que envolve principalmente a morte das massas anônimas, estimulando o historiador a utilizar novas possibilidades de investigação. Este pode, portanto, fazer história a partir de pequenos indícios ou sinais quase imperceptíveis apresentados pelas fontes impressas, iconográficas ou arqueológicas. Pois, conforme Vovelle:

Apesar do que repetiram as velhas artes de morrer ou as danças macabras sobre a morte niveladora e equalizadora, que reduz todos os homens ao mesmo destino, nada há de mais desigual ou desigualitário do que a última passagem<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994, p. 432.

<sup>17</sup> VOVELLE, Michel. Op. cit., p. 137.

Enfim, a morte tem invadido o nosso cotidiano, mas, enquanto ela se apresenta na telinha de nossos aparelhos de televisão ou nos jornais que lemos diariamente, parece fazer parte de uma realidade que, em parte, não é nossa. Mas, a forma como nos relacionamos com a morte é cultural, é resultado de como nos relacionamos com a vida, de como nos relacionamos com os nossos mortos, e de como nos preparamos para a morte ou como deixamos de fazê-lo.

As ambigüidades de nossas relações com a morte se apresentam mais uma vez quando a cada dia dois de novembro, nossos cemitérios são invadidos por multidões que buscam prestar homenagens aos seus entes queridos nesses campos de inumação. È realmente notável como aflora essa sensibilidade contemporânea nas visitas aos cemitérios, na devoção aos mortos e na veneração dos túmulos.

Refletindo sobre as principais preocupações de homens e mulheres diante da morte, nos instiga os rituais de enterramentos, assim como os cuidados na inumação dos corpos, mas, a leitura dos testamentos nos leva a pensar sobre os cuidados da alma recomendados nesses documentos com muitos critérios, assim como a transferência de bens.

Parece-nos que algumas preocupações de homens e mulheres diante da morte, em Cuiabá no século XIX, teriam proximidade com as preocupações de homens e mulheres diante da morte no período medieval do ocidente europeu.

A cosmovisão medieval não considerava o cadáver como dejetivo. A igreja era um local de oração e de meditação, mas também era o local onde se desenrolavam os acontecimentos mais importantes da vida social e religiosa do cristão, nesse local também se faziam os enterramentos, havendo convivência cotidiana dos vivos com a morte e com a desintegração cadavérica.

Na cidade de Cuiabá até a primeira metade do século XIX tivemos forma semelhante de proximidade e convivência entre vivos e mortos. Apenas a partir de um processo de higienização e reorganização do espaço urbano na segunda metade do século XIX, novas sensibilidades em relação à proximidade dos cadáveres foram desenvolvidas levando à transferência dos enterramentos para além dos limites da cidade<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Sobre Higienização urbana e transferência dos enterramentos em Cuiabá ver: *Transformações nas práticas de enterramentos em Cuiabá – 1850 a 1889*. Op. cit.

No processo de colonização de nosso país, o europeu colonizador trouxe com ele seus costumes e sua cultura, inclusive a relação que, culturalmente estabelecia com a vida e com a morte, levando-a a todo território brasileiro. Essas relações teriam características muito semelhantes às medievais, pois o modo como se preparavam para a morte trazia ainda nos séculos XVIII e XIX indícios culturais bastante semelhantes àquela sociedade.

Muitos daqueles bandeirantes dos campos de Piratininga que adentraram o interior do sertão em busca de riquezas, por muito temerem a morte e por estarem longe dos seus num lugar distante e de difícil acesso, se preparavam, então para a viagem através da confecção de testamentos:

[...] por saber a morte coisa mui ordinária, natural aos homens. Reconhecendo que é mortal e pode morrer, no dizer simplório de um deles.

[...] por estar de caminho para o sertão buscar meu remédio e por ser mortal e por não saber a hora que hei de dar conta de minha vida...

[...] Por não saber da morte nem da vida nesta longa viagem que vou fazer aos Guaianases... Se Nosso Senhor fizer de mim alguma coisa nesta viagem que ora faço, adonde Deus me guiar<sup>19</sup>...

A cultura fúnebre herdada da colonização portuguesa pelos brasileiros ainda vigorava no Brasil do século XIX, determinando cuidados muito especiais no ritual funerário com objetivo de alcançar um bom lugar no pós-mortis. As pessoas se preparavam no decorrer de suas vidas para o grande momento da morte deliberando em testamento sobre suas vontades e estratégias de salvação.

Nosso objetivo é fazer um estudo de testamentos efetuados na segunda metade do século XIX em Cuiabá, com intuito de observar nesses documentos indicações de procedimentos e preocupações diante da morte, cujas características apresentariam indicações que se aproximariam daquelas desenvolvidas na Europa Medieval Ocidental, tendo o cuidado de não imaginar uma simples transposição da realidade medieval para a Província de Mato Grosso do século XIX, procuraremos, no entanto, perceber até que ponto poderiam existir relações de proximidade entre a relação estabelecida com a morte apresentada nos testamentos oitocentistas em nossa Província e aquela realidade medieval apresentada e discutida principalmente nos estudos de Ariès.

---

<sup>19</sup> MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*, São Paulo: Itatiaia/USP, 1980, p. 213.

## **Sobre a morte e o morrer ou diversas relações com a morte**

Quando o medo da morte entrou, ficou de início confinado no lugar em que o amor se manteve tanto tempo ao abrigo e afastado, e de onde só os poetas, romancistas e artistas ousavam fazê-lo sair: no mundo imaginário<sup>20</sup>.

No dia 10 de Agosto de 1994 uma revista de grande circulação no país apresentou uma reportagem que causou reações de estranhamento entre seu público leitor de todo o país. A matéria intitulada *A dura opção pela morte digna*<sup>21</sup>, apresentava uma discussão sobre nossas relações com a morte, a partir dos longos tratamentos de doenças incuráveis, efetuados com preocupações paliativas, não raras vezes, associadas a altas dosagens de analgésicos e outros medicamentos que podem prolongar vidas, mas que mantêm os pacientes dopados ou ligados a máquinas em experiências vegetativas.

Essa matéria propõe uma discussão sobre a eutanásia como solução para pacientes com doenças incuráveis e sem possibilidades de recuperação.

Em seguida o autor da matéria aborda os trabalhos de Philippe Ariès, fazendo diversas considerações a respeito de seus estudos sobre as relações do homem com a morte na história. Considera inicialmente a relação de proximidade e interação entre homens e mulheres medievais com a morte, para em seguida comentar como o homem da antiguidade clássica evitava contatos com a morte, da mesma forma que homens e mulheres da idade moderna e contemporânea.

Essa relação ora de aproximação ora de afastamento com a morte vai determinar a forma e o local de enterramentos, assim como todos os rituais que a envolvem. Na Antiguidade Clássica evitava-se a proximidade dos cemitérios e dos mortos, por considerá-los impuros, os enterramentos se faziam em áreas afastadas das cidades. No período medieval temos maior aproximação entre vivos e mortos, quando os enterramentos se fazem no interior das igrejas e mosteiros onde também se desenrolavam os principais acontecimentos da comunidade e a vida religiosa. Posteriormente em nome de um ideal de higienização e organização do espaço urbano e em nome de um saber médico que passa a controlar vivos e mortos, não mais se admite enterramentos no interior dos templos, porque contaminaria os vivos. As igrejas se tornam locais apenas de adoração a Deus, à Santíssima Trindade e aos santos da Igreja

---

<sup>20</sup> ARIÈS, Philippe. Op. cit., p. 442.

<sup>21</sup> Revista Veja de 10 de Agosto de 1994.

Católica, enquanto os enterramentos passam a ser aceitos apenas no interior de Cemitérios Públicos, afastados das práticas cotidianas da população.

Devemos considerar, portanto, que nem sempre houve estranhamento e medo entre homens e mulheres diante da morte, tendo mesmo ocorrido um extenso período de muita proximidade entre ambos e a morte, quando todos se consideravam submissos a esse momento fatal, a morte fazia parte da vida e os enterramentos eram efetuados em locais onde toda vida social da comunidade se desenrolava.

Ariès denominou essa morte de morte domada, quando não se morria sem que houvesse tempo, sem que se soubesse e sem que se preparasse para esse grande momento: o momento da morte<sup>22</sup>, pois, normalmente esperava-se que houvesse um aviso, ou uma percepção da chegada do momento fatal.

Conforme esse autor, teria havido a persistência durante séculos de uma atitude quase inalterada diante da morte, atitude que se caracteriza pela resignação discreta, ingênua e espontânea. Ao longo desse período teremos como correspondente a essa atitude diante da morte certa familiaridade também em relação á cemitérios, túmulos, enterramentos e coisas funerárias em geral, haveria, portanto grande aproximação entre mortos e vivos.

Os cemitérios tornaram-se lugares de grande circulação de pessoas, localizados no interior de cidade ou vilas não se caracterizavam apenas como locais de enterramentos, mas, como uma extensão das igrejas ou basílicas às quais eram contíguos e que eram principais focos da vida social.

Observa-se, portanto, aqui, nos seus inícios, o enfraquecimento da repulsa que os mortos inspiravam na Antiguidade. A penetração dos mortos no interior dos muros, no coração das cidades, significa o abandono completo do antigo interdito e a sua substituição por uma atitude nova de indiferença ou de familiaridade. Os mortos, a partir de então e durante muito tempo, deixaram totalmente de meter medo<sup>23</sup>.

Havia na Idade Média uma significativa proximidade entre cemitérios e igrejas onde todos buscavam enterramentos não só no seu interior, mas, principalmente, junto aos santos e mártires de sua devoção, esperando dessa forma contar com sua ajuda no *pós-mortis*, pois, na mentalidade popular da época, os mártires eram reconhecidos como guardiães dos túmulos, era, portanto, propício buscar repouso em solo sagrado.

---

<sup>22</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Stampa, 1975, p. 27.

<sup>23</sup> ARIÈS, P. *O homem perante a morte*. Op. cit., p. 48 .

A utilização de textos literários tem ajudado a compreender essa relação de homens e mulheres com a morte tão envolvente quanto angustiante e ao mesmo tempo envolta em um véu especial de introspecção que essas sensibilidades criadoras são capazes de identificar e traduzir em palavras seja em prosa ou em versos.

A literatura medieval e moderna nos apresenta descrições primorosas desses momentos fatais cantados em verso e prosa. Em *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, o personagem central conhecido como cavaleiro andante teria consumido uma vida inteira envolto em sonhos e fantasias, mas, ao se deparar com a morte, através dos fortes sinais precursores desse momento, D. Quixote parece ter recuperado o juízo e sobre as aventuras que permearam a sua vida, considera:

Tenho o juízo já livre e calmo, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalaria. Já conheço os seus disparates e os seus embelecões e só me pesa ter chegado tão tarde este desengano, que não me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma<sup>24</sup>.

O último capítulo da obra denomina-se: *De como Dom Quixote adoeceu, e do testamento que fez, e sua morte*, nesse momento Dom Quixote, não foge à realidade e procura se preparar para esse momento:

Sinto senhores, que a morte vem correndo; deixem-se de burlas e tragam-me um padre a quem eu me confesse e um tabelião que faça o meu testamento, que em transe como este não há de um homem brincar com a sua alma; e assim, peço que, enquanto o senhor cura me atende, vão depressa buscar-me um notário<sup>25</sup>.

Dom Quixote continua demonstrando total controle sobre a situação, quando com muita seriedade e gravidade determina nos últimos momentos vividos suas preocupações testamentárias:

Deixo toda a minha fazenda de portas adentro, a Antonia Quijana, minha sobrinha, que está presente, tirando-se primeiro, do mais bem-parado dessa fazenda, o que for mister para cumprir os legados que deixo; e o primeiro pagamento que quero que se faça será satisfazer o salário que devo à minha ama...<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993, p. 601.

<sup>25</sup> *Ibidem*, *Idem*, p. 601.

<sup>26</sup> *Ibidem*, *Idem*, p. 602.

Depois de feito seu testamento, muito pouco tempo teve que esperar, em verdade, viveu mais três dias quando veio a falecer e com sua morte deu-se o fim da história do cavaleiro andante.

Chegou, afinal, a última hora de Dom Quixote, depois de recebidos todos os sacramentos e de ter arrenegado, com muitas e eficazes razões, dos livros de cavalarias. Estava presente o tabelião, que disse que nunca lera em nenhum livro de cavalarias que algum cavaleiro andante houvesse morrido no seu leito, tão sossegada e cristãmente como Dom Quixote, que, entre os suspiros e lágrimas dos que ali estavam, deu a alma a Deus: Quero dizer, morreu<sup>27</sup>.

Na história de amor e morte de Tristão e Isolda, Tristão estando longe de sua terra, pressente a própria morte e deseja ardentemente rever sua terra e sua amada:

[...] Sentiu que sua vida se esvaía, compreendeu que ia morrer. Então, quis rever Isolda, a loura. Mas, como chegar até ela? Estava tão fraco que o mar o mataria, e, mesmo que chegasse às Cornualhas, como escaparia aos seus inimigos? Lamentava-se, o veneno angustiava-o. Ele esperava a morte<sup>28</sup>.

Tristão quando percebe que sua morte está próxima quis ver Isolda, sua amada, nesse momento seu desejo era que ela soubesse que ele morreria por amor a ela. Quando Isolda encontra Tristão morto, aproxima-se dele sem dramaticidade.

Ela volta-se para o Oriente e ora a Deus. Em seguida descobre um pouco o corpo de seu amado e estende-se junto dele, beija-o na boca e no rosto em seguida o abraça corpo contra corpo, boca contra boca, assim ela entrega sua alma, morre junto dele, de dor por seu amigo.

A morte conforme o romance era considerada simples e próxima como a vida, ou mesmo familiar e atenuada. Dessa forma viam a morte e a vida os amantes que já não podiam viver ou morrer um sem o outro. Separados, não era vida, nem a morte, mas, a vida e a morte ao mesmo tempo.

Georges Duby, ao reconstruir o cotidiano da cavalaria medieval francesa nos apresenta outro exemplo de relação com a morte em que seu personagem vive a angústia de seus últimos enquanto se prepara para a própria morte:

---

<sup>27</sup> Ibidem, Idem, p. 603.

<sup>28</sup> BÈDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*, São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 137.

Ele pressentia isso e fazia algum tempo que sem nada dizer a ninguém, já se preparava para sua última aventura. A quaresma está apenas começando. Pode-se sonhar com época mais apropriada para sofrer, aceitar a dor, suportá-la a fim de ter a remissão dos pecados e purificar-se lenta, calmamente, antes da grande passagem? Quando a doença piora, quando os médicos declaram que nada mais podem fazer, Guilherme manda chamar todos que quando ele saía, formavam sua escolta. Naturalmente, assim tinha de ser...<sup>29</sup>

A morte repentina é considerada infame e vergonhosa ou feia e vil, pois era a morte clandestina, sem testemunhas e sem cerimônias, sem preparativos e sem despedidas dos entes queridos em volta do leito do moribundo. Guilherme Marechal ao pressentir sua morte manda chamar todos aqueles que faziam parte de sua comitiva e que eram os cavaleiros de sua casa, pois naquele momento era-lhe concedido o direito de presidir a própria morte, inclusive deliberando sobre os preparativos fúnebres.

Geralmente elaborava-se um testamento na própria casa ou no próprio leito do moribundo através do qual ele procura se libertar dos bens materiais, com interesse de se livrar de tudo que pudesse-lhe atrapalhar sua passagem à paz celestial que todos buscavam, era esse o momento supremo de desprendimento material que os familiares presenciavam, conforme os costumes da época.

Fazer um testamento era uma forma de garantir a transferência dos bens materiais de acordo com a vontade do moribundo era também uma oportunidade de estabelecer as condições consideradas essenciais para o seu enterramento, assim como para o pagamento de serviços religiosos considerados necessários como os donativos, as orações ou missas. Doar os bens da terra em troca dos bens da alma vinha de encontro com a mentalidade medieval que convivia com a terrível ameaça do inferno.

No desenrolar desses acontecimentos derradeiros fazia-se necessário a presença de um sacerdote, pois, esse era o momento de esquecer a vida na terra e pensar em Deus. O moribundo precisava se confessar, o ideal seria uma confissão ampla, para então receber a comunhão conhecida como alimento para a última viagem que está prestes a realizar.

Após a comunhão, o moribundo receberia a extrema-unção, o sacramento da partida e então sob os olhos de todos recebe a morte, ouvindo as orações rezadas pelos presentes, depois das últimas orações, resta apenas esperar a morte e esta já não tem a partir de então, qualquer razão para tardar.

---

<sup>29</sup> DUBY, Georges. Op. cit., p. 8.

Após a morte é preciso que se tome algumas medidas e cuidados especiais com o corpo e outros detalhes, acendem-se velas, os sinos dobram, o corpo recebe os últimos preparativos: o último banho, unhas e cabelos são cortados, então o corpo é vestido e amortalhado para finalmente ser exposto sobre uma mesa, com um rosário em volta das mãos entrelaçadas, está pronto para receber as últimas visitas.

O espetáculo ainda não terminou. A alma se foi, o corpo fica. È exposto aos olhares, no centro da cena, continua a representar seu papel. Na sua presença, enquanto ainda reside em seu domínio, em sua casa, antes de deixar o recinto para ganhar a última morada...<sup>30</sup>

Mas, essa relação de proximidade com a morte sofrerá alterações muito lentas que de acordo com Ariès e suas considerações, chegará às condições de total estranhamento ou afastamento que conhecemos agora.

A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa, onde faz tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome [...] a morte hoje se tornou selvagem, quando outrora não o era<sup>31</sup>.

Assim é que finalmente chegamos à morte do século XX, chamada por Ariès de *morte invertida*, a morte que se esconde, a morte envergonhada. Essa morte já não é presidida pelo moribundo, pois, tiram-lhe essa responsabilidade ou esse privilégio e, não raras vezes, sua consciência dos acontecimentos, enquanto a morte afasta-se furtivamente do mundo.

Essa sociedade expulsa a morte de seu convívio, pois não sabe lidar com ela. A morte passa a ser um acontecimento que agride e choca à todos, busca-se ansiosamente proteger a vida e dissimular ou suprimir os sinais de uma morte recém-ocorrida.

O homem moderno ou contemporâneo que domina as mais avançadas tecnologias de informação se nega a falar da morte, assim como, parece buscar o afastamento de qualquer sinal ou lembrança que possa ser identificado com a morte, que se torna interdita. Procuramos viver na perspectiva do sempre, como se a morte não fizesse parte da vida e quando ela nos toma de assalto, não sabemos como reagir. A morte é o inesperado, é a indesejada de todos, é um acontecimento ou experiência que estremece nosso cotidiano.

---

<sup>30</sup> Ibidem, idem, p. 12.

<sup>31</sup> ARIÈS, Philippe. Op. cit., p. 74.

O conto de Léon Tolstói: A morte de Ivan Ilitch apresenta uma testemunha dessa mudança de atitude do homem diante da morte, quando redesenham-se os gestos, ritos e comportamentos reveladores do imaginário coletivo de uma época. É a morte deixando de ser parte do cotidiano e se tornando reclusa, é a morte que se esconde, constantemente dissimulada ou mascarada.

Sim, houve a vida, e eis que ela se esvai e eu não posso segurá-la. Para que me iludir? Pois não está evidente para todos, mesmo para mim mesmo, que estou morrendo, que tudo é apenas uma questão de semanas, dias; ainda hoje, quem sabe? Havia luz e agora são trevas<sup>32</sup>.

A morte é um assunto tabu em nossa sociedade, é uma discussão quase sempre evitada, que traz mais constrangimento que as discussões sobre sexo, mas, o tabu da morte é realmente muito mais intenso, pois, seguramente o silêncio que a envolve é muito mais espesso que aquele que envolve o sexo. A morte tornou-se um assunto difícil, pouco conveniente, desagradável, sistematicamente evitado.

O principal tormento de Ivan Ilitch era a mentira, aquela mentira estranhamente admitida por todos, de que ele estava apenas doente e não moribundo, e que precisava apenas manter-se calmo e tratar-se e então algo de muito bom resultaria disso... Esteve a ponto de gritar-lhes: Parem de mentir, vocês sabem, e eu sei, que estou morrendo, então pelo menos parem de mentir! Mas, nunca teve ânimo para fazê-lo<sup>33</sup>.

Enquanto as nossas crianças recebem educação sexual em casa e nas escolas, com os familiares e educadores fornecendo informações sobre a fisiologia do corpo e suas funções, quando morre um parente ou pessoa próxima à uma criança, a família não sabe o que fazer e a escola costuma não tocar no assunto, existe uma preocupação excessiva em salvaguardar a criança, o assunto então não é discutido.

Para uma sociedade que busca a imortalidade e o controle dos caminhos de todos os seus membros, evidencia-se uma grande vulnerabilidade frente a finitude e a força de um processo natural impossível de ser negado ou controlado. O morto como tudo que é insólito, anormal ou ambíguo, constitui um ser impuro para essa sociedade cujo contato pode representar um perigo, podendo desestabilizar momentaneamente as relações sociais.

---

<sup>32</sup> Tolstoy, Léon. *A morte de Ivan Ilitch*, São Paulo: Itatiaia/USP, p. 166.

<sup>33</sup> *Ibidem*, Idem, p. 166.

Mas, sabemos que nem sempre foi assim, pois, cada sociedade vive e compreende a morte à sua maneira. As relações que indivíduos e grupos mantêm ao longo da história com o corpo, com a doença e com a morte, assim como seus rituais, são específicos de cada grupo em cada lugar e época em que vivem e morrem.

Em seguida trataremos, ainda que abreviadamente, das relações entre homens e mulheres diante da morte a partir de considerações sobre testamentos medievais e posteriormente através dos testamentos oitocentistas na cidade de Cuiabá procurando determinar permanências referentes às suas determinações.

### **A morte nos testamentos medievais**

Vivemos pela morte e só ela é que afaga;  
É a única esperança e o mais alto prazer,  
Que como um elixir nos transporta, e embriaga,  
E nos faz caminhar até o anoitecer.<sup>34</sup>

Phipippe Ariès em seus estudos sobre as relações de homens e mulheres com a morte no ocidente medieval constatou a persistência durante séculos de uma atitude basicamente inalterada diante da morte, atitude essa expressada através de uma resignação ingênua e espontânea ao destino e à natureza.

Em um mundo determinantemente agrícola onde algumas criaturas precisavam morrer para que outras continuassem vivendo, havia uma cotidiana convivência com a morte representada pelas ameaças da fome, das epidemias e das guerras.

Ao longo de todo esse período identificamos uma relação de familiaridade quase indiferente em relação aos mortos, aos cemitérios, à sepultura, aos túmulos e outras questões funerárias. O cristianismo ocidental pregava que a morte não era o fim de tudo, pelo contrário, era o começo da verdadeira vida, da vida eterna. Era preciso que as pessoas se preparassem para o grande momento da morte, pois, esse momento crucial poderia definir onde sua alma passaria a eternidade.

A grande tragédia não era morrer, mas, morrer inesperadamente, sem ter confessado, recebido os sacramentos, feito doações e esmolas, estabelecido o testamento<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> BAUDELAIRE. *A morte dos pobres*. In: *As flores do mal*. Edição integral, 1995, p. 289.

<sup>35</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004., p. 137.

A riqueza dos testamentos medievais é extremamente reveladora, pois, propicia inúmeros novos caminhos à investigação historiográfica, sejam elas literárias, arqueológicas, litúrgicas ou ligadas ao cotidiano e às questões da vida material.

Uma das fontes comumente utilizadas nos estudos do comportamento de homens e mulheres diante da morte, os testamentos são geralmente efetuados nos momentos que imediatamente a precedem, tornaram-se, portanto, fartos documentos indicadores das principais preocupações nesse momento em que se expressam as últimas vontades dos testadores quanto aos bens materiais e quanto às necessidades da alma.

Michel Vovelle ao trabalhar com testamentos medievais, procurou fazer uma análise quantitativa desses documentos, por considerá-los como séries homogêneas.

Ariès em suas obras busca uma outra abordagem, mais subjetiva e global, envolvendo uma massa heterogênea de documentos com intuito de decifrar, através da leitura dos testamentos a vontade dos testadores, assim como o inconsciente da sensibilidade coletiva.

Ariès afirma que na Europa do século XVIII o testamento tinha a mesma função que tivera desde a Idade Média, ou seja, uma função religiosa com objetivo de obrigar os homens a pensar na morte enquanto era tempo. O testamento vai deixando de ser um ato quase sacramental, continuava sendo, no entanto, um ato religioso, em que o testador exprimia suas vontades, suas preocupações e os cuidados considerados convenientes para a inumação de seu corpo, assim como para encomendar a sua alma.

A parte mais longa do texto continua sendo *ad pias causas* – a profissão de fé, a confissão dos pecados e a reparação dos erros, a escolha da sepultura e, finalmente, as numerosas disposições em favor da alma: missas e preces, que começavam desde a agonia e eram distribuídas, em datas fixas, pela perpetuidade<sup>36</sup>.

Os testamentos oitocentistas que utilizamos em nossa pesquisa denotam a permanência dessas preocupações consideradas medievais quando homens e mulheres se deparam com a morte em Cuiabá na segunda metade do século XIX.

Percebemos nas duas ocasiões os mesmos indícios dos moribundos presidindo a própria morte, definindo os principais cuidados com o *pós-mortis*, principalmente referentes a distribuição de bens e benefícios, mas, também quanto aos cuidados com os legados da alma.

---

<sup>36</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*, p. 187.

A hora da morte era também o momento de assegurar a vida eterna, momento de acerto de contas, de pagamento de dívidas, de distribuição de esmolas, de encomendar missas, velas e orações. Tempo de retrospectiva de vida, permitindo o desnudamento de relações pessoais e familiares, lembrando, reparando, recompensando ou punindo, mas também repartindo<sup>37</sup>.

A preocupação com o local e com a forma do enterramento também se torna elemento usual nos testamentos trazendo geralmente indicações religiosas a determinar essas práticas.

A escolha da sepultura se inspira, portanto, em duas considerações, quais sejam, a devoção religiosa – à paróquia, a uma ordem religiosa, a um santo ou a uma confraria – e a devoção familiar<sup>38</sup>.

Ariès indica, no entanto, que a partir de meados do século XVIII, percebe transformações nas cláusulas piedosas nos testamentos europeus por ele pesquisados, pois, a escolha de sepulturas, as indicações de cuidados nos enterramentos e outras preocupações religiosas vão se tornando cada vez mais abreviadas, até a total alteração dessa prática.

### **Como preparar-se para morrer, ou o medo da morte nos testamentos oitocentistas de Cuiabá**

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos<sup>39</sup>.

As leituras que fizemos de testamentos efetuados na cidade de Cuiabá no século XIX nos apresentam diversos elementos que nos sugerem proximidades com o ideal de morte ou de morrer do período medieval europeu, pois as preocupações apresentadas parecem sugerir permanências de influências das relações medievais com a morte.

Os testamentos oitocentistas determinavam o local do sepultamento do corpo, o vestuário fúnebre considerado adequado, o velório, o cortejo fúnebre, o número de missas, a doação de esmolas, o pagamento de dívidas terrenas e celestiais, mas também a distribuição de bens e benefícios a familiares, igrejas, irmandades ou confrarias ou

---

<sup>37</sup> ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Op. cit., p 128.

<sup>38</sup> Ariès, op.cit., p. 191.

<sup>39</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 2005.

ordens terceiras a que o moribundo tivesse participado. O ato de morrer era um evento partilhado por toda a comunidade, sendo fundamental que essas agremiações participassem dos preparativos, pois eram as principais responsáveis pela organização dos enterramentos.

Os testamentos selecionados para esta nossa análise fazem parte do acervo do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, desses documentos procuraremos privilegiar as declarações referentes aos cuidados com o corpo e com os enterramentos, assim como à transferência de bens, mas, principalmente, os cuidados com a alma, pois...

O principal motivo ou preocupação, ao se fazer um testamento, era o temor da morte [...] O testamento era providenciado quando o testador se achava doente, ou, de alguma forma, em perigo de morte<sup>40</sup>.

Os testamentos são fontes muito utilizadas nas investigações das relações de homens e mulheres com a morte, por serem efetuados não raramente nos momentos que imediatamente a antecedem. Costumam expressar as últimas vontades dos testadores, assim como as condições em que enfrentam esse acontecimento<sup>41</sup>.

De acordo com nossas leituras dos testamentos do século XIX, em Cuiabá, uma certa condição se apresentava àquela população, o manuseio desses documentos indica que a morte estaria sempre à espreita e o medo da morte sempre presente, fosse ela representada pela guerra, pelas pestes ou pela fome.

Essa realidade nos remete à Europa do século XIV, quando a peste faz uma reaparição duradoura e violenta, ao mesmo tempo em que se delineou um recuo na produção agrícola, as condições climáticas tornaram-se muito desfavoráveis e as colheitas são comprometidas levando a população à situação de penúria e à fome. Além dessas condições desesperadoras, o quadro geral se complica ainda mais com a sequência de revoltas rurais e urbanas, além das guerras civis e estrangeiras. Todas essas condições desfavoráveis devastavam a população enquanto trazia para todos os que conseguiam permanecer vivos a convivência cotidiana com a morte.

O medo da morte, o mais lancinante dos medos envolve, portanto, homens e mulheres arrebatando a todos. Podemos imaginar como se desenrolou em Cuiabá, na segunda metade do século XIX o enfrentamento desse medo numa conjunção de fatores

---

<sup>40</sup> ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Op. cit., p. 127.

<sup>41</sup> Op.cit., p. 123.

extremamente perigosos como já apresentados, quando então, já não era possível se preparar para esse momento fatal.

Um dos passos mais importantes nos momentos que antecedem a hora da morte, foi sempre a preparação do testamento. No entanto, esse documento poderia ser redigido muito antes do falecimento do testador, gozando este de boa saúde, pois, pensava também no risco que se caracterizava a morte súbita ou violenta com a passagem para o outro mundo sem deixar as últimas disposições e vontades registradas, o que poderia prejudicar a salvação da alma. O testamento abaixo é um exemplo:

Este é o meu testamento e disposições de minha última vontade, com quanto me ache de vigorosa saúde, porém, temendo-me da morte que a todos é natural<sup>42</sup>.

O testamento é resultado de um ato solene, com objetivo de traduzir as últimas vontades do testador, volta-se principalmente para a transferência de bens familiares, assim como para as indicações dos cuidados com o corpo e para a salvação da alma do moribundo, com a proximidade da morte anunciada pela doença:

Aos 23 dias do mês de julho do dito ano [1881], nesta cidade de Cuiabá, na travessa do Arsenal da Guerra, casa de residência de João Francisco de Macedo, que, estando doente de cama, mas em seu perfeito juízo e diante das testemunhas presentes<sup>43</sup>.

Estando de cama, doente, mas em seu perfeito juízo e presentes as testemunhas nomeadas foi dito que de sua própria e livre vontade faz este seu testamento<sup>44</sup>.

Em condições normais, um dos passos mais importantes nos momentos que antecedem a hora da morte, foi sempre a preparação do testamento. Estando o testador gozando de saúde perfeita ou quando doente, é um ato de preparação para uma boa morte. Afinal, o medo da morte era considerado natural, a preparação para esse momento amenizava esse temor.

O confronto com uma situação de doença e de incerteza quanto ao tempo que lhe restaria viver, impelia o indivíduo a querer colocar em ordem tanto a parte espiritual quanto material de sua vida, independentemente do montante que haja para ser legado a alguém,

---

<sup>42</sup> Testamento de José Leite Galvão, de 3 de abril de 1864.

<sup>43</sup> Testamento de João Francisco de Macedo, de 24.07.1881.

<sup>44</sup> Testamento de Jacintho Ferreira Mendes, de 26.04.1881.

se houver, ou se apenas está preocupado com o bem da alma que, em princípio, lhe garantiria uma boa morte<sup>45</sup>.

A História de Mato Grosso indica que os bandeirantes quando partiam para o interior, sabendo dos perigos que enfrentariam e das desventuras que poderiam sofrer em suas jornadas faziam testamentos, pois, contavam com um retorno incerto. Redigir um testamento fazia parte dos preparativos para essas viagens. Aqueles que empreenderiam longas viagens e temiam os males reinantes em uma terra pouco conhecida e pouco povoada; aqueles que se viam acometidos por males súbitos; aqueles que mesmo em perfeita saúde, mas, temendo a morte que a todos era natural, procuravam também dispor de seus bens através dos testamentos.

A idéia de testar acode a alguns no instante da partida, quando as canoas carregadas, as toscas naus de bordas rastejantes, já se aprestam a descer as águas do rio misterioso<sup>46</sup>.

Sabe a morte coisa mui ordinária, natural aos homens. Reconhece que, como humano, é mortal e pode morrer, no dizer simplório de um deles. Arreceia-se da morte, porque, no dizer saboroso de outro, somos alfim de fraco metal. E, por não saber da morte nem da vida, aparelha-se para a jornada terrível<sup>47</sup>.

Todos aqueles que possuía(m) posses ou bens, mesmo que poucos fossem, procuravam redigir ou mandar redigir seus testamentos registrando cuidadosamente suas últimas vontades, enumerando os beneficiados, assim como a forma como seus herdeiros deveriam dispor de seus bens, no pós-mortis, sem se esquecer das despesas com o funeral.

Declaro que deixo o usufruto de minha casa, sito à Rua da Boa Morte, nesta cidade, à Antonia Maria Joseti, mulher que vive em minha companhia, sob a condição de satisfazer despesas de meu funeral<sup>48</sup>.

Os testamentos são também utilizados como última oportunidade para se efetuar acertos de contas e reconhecimentos de dívidas, sejam elas morais ou em erário.

---

<sup>45</sup> SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Famílias, formas de união e reprodução social no Noroeste português – séculos XVIII e XIX*. Guimarães – Portugal: Éden, 1999, p. 331.

<sup>46</sup> ALCANTARA MACHADO, op. cit., p. 213.

<sup>47</sup> Ibidem, idem, p. 213.

<sup>48</sup> Testamento de João Augusto Rondon, de 1º de março de 1885.

As dívidas morais costumavam envolver problemas familiares como o reconhecimento de paternidade, como o testamento do capitão João Pedro de Figueiredo:

Disse que é solteiro e que neste estado teve quatro filhos de nomes: José Procópio de Figueiredo, Antonio Felipe de Figueiredo, Honório Augusto de Figueiredo e Marcolina Paes de Figueiredo, Todos havidos com Ana de Arruda, mulher solteira e sem impedimento algum<sup>49</sup>.

Outros acertos e reconhecimento de dívidas podiam envolver diversas formas de transações econômicas, conforme abaixo:

Disse que é credora do cidadão Joaquim Rodrigues Freire da quantia de um conto e setecentos mil réis, por um contrato firmado pelo mesmo, de cujo valor deverá abater a quantia de cento e cinquenta mil réis que já recebeu por conta do mesmo<sup>50</sup>.

Uma das principais indicações dos testamentos oitocentistas trazem indicações de como deveriam ser efetuadas as práticas funerárias e religiosas consideradas necessárias no *pós mortis*, os cuidados especiais que deveriam ser dispensados com o corpo e com a alma, assim como com o local de sepultamento.

Declaro que quero que meu corpo seja sepultado na capela privada da chácara de minha residência e por minha alma mandará celebrar o meu testamenteiro as missas que julgar necessária<sup>51</sup>.

Declaro que é de minha vontade que meu corpo seja sepultado no mesmo cemitério em que se acham os restos do meu finado marido<sup>52</sup>.

Um número significativo de testamentos redigidos em Cuiabá na segunda metade do século XIX traz, como expediente de salvação, a indicação de significativo número de doações de esmolas aos pobres e igrejas ou instituições filantrópicas.

Estando doente, em meu perfeito juízo, mas, temendo a morte que á todos é natural, declaro que deixo para o Seminário Episcopal desta

---

<sup>49</sup> Testamento do capitão João Pedro de Figueiredo, de 25.07.1880.

<sup>50</sup> Testamento de Ceselina Maria de Oliveira, de 11.10.1885.

<sup>51</sup> Testamento de D. Mariana Candida de Holanda, de 29.08.1880.

<sup>52</sup> Testamento de D. Ana Maria da Conceição, de 27 de janeiro de 1883.

cidade a quantia de duzentos mil réis, à igreja de São Gonçalo e de Nossa Senhora da Guia, a quantia de duzentos mil réis<sup>53</sup>.

Declaro que no dia de meu falecimento se darão 50 mil réis de esmolas para os pobres, preferindo-se dentre estes, as viúvas e donzelas que vivem recolhidas<sup>54</sup>.

Tornou-se relativamente comum nos testamentos oitocentistas a utilização do recurso de concessão de benefícios a escravos em reconhecimento aos serviços prestados, mas, fundamentalmente, em prol de benefícios à alma do moribundo, conforme abaixo:

Deixo livre de toda escravidão os meus escravos Antonio Cerengue, africano, maior de 60 anos de idade e Luiza, africana de 40 anos de idade, mais ou menos, em atenção aos bons serviços que me tem prestado<sup>55</sup>.

Deixo à minha mulher D. Ermelinda o uso fruto de todos os meus escravos, os quais com a morte da mesma minha mulher gozarão de plena liberdade<sup>56</sup>.

No entanto, em muitos outros testamentos os escravos aparecem como simples mercadoria, sendo transferidos da mesma forma que outros bens móveis ou imóveis:

Declaro que além de uma sesmaria de terras no distrito de Livramento, no lugar denominado malhado e dos escravos Cypriano, Felicissimo, Inocência, Maria, Andreza e Prudência, nada mais possui em bens nem em dinheiro<sup>57</sup>.

O recurso mais utilizado em busca de descanso eterno em um bom lugar era comumente o pedido e o pagamento antecipado de certo número de missas.

Logo que eu falecer, se faça o enterro de meu cadáver do modo mais simples que permite a Igreja e que depois sejam celebradas trinta missas em sufrágio de minha alma<sup>58</sup>.

[...] Que a minha alma seja sufragada com uma missa de corpo presente e que a bem desta sejam rezadas mais vinte e cinco missas no terceiro, sétimo e trigéssimo em cujos dias celebrarão todos os

---

<sup>53</sup> Testamento de Henrique Carvalho Silva de 13 de outubro de 1873.

<sup>54</sup> Testamento de Vicente Antonio da Silva, de 09 de Novembro de 1885.

<sup>55</sup> Testamento com que faleceu D. Mariana Candida de Holanda, de 29.08.1880.

<sup>56</sup> Testamento com que faleceu o Cel. João de Souza, em 16.07.1879.

<sup>57</sup> Testamento de D. Ana Maria da Conceição, em 27.01.1883.

<sup>58</sup> Testamento de Maria Francisca de Souza, de 08 de maio de 1883.

sacerdotes que se acharem presentes nesta cidade e queiram celebrar<sup>59</sup>.

A preocupação em garantir que as missas solicitadas fossem realmente rezadas conforme número e condições desejadas pelos testadores justificava o pagamento antecipado, inclusive através da prestação de trabalho escravo, pelo prazo que fosse preciso, conforme o testamento de Benedito Pereira Leite:

Que se digão por sua alma trinta missas e que deixa para satisfazer a importância das missas supra mencionadas, a sua escrava Benedita a qual concluindo com este dever, gozará de plena liberdade<sup>60</sup>.

Conforme o testamento de Vicente Antonio da Silva, além das missas, uma outra moeda representada pelas esmolas era utilizada para negociar ou tentar conquistar a remissão de pecados em busca de um bom lugar para sua alma:

Declaro e determino que no dia de meu falecimento e nos seguintes se darão cinqüenta mil réis de esmolas para os pobres, preferindo-se entre eles as viúvas e donzelas que vivem recolhidas<sup>61</sup>.

No século XIX, a morte é uma passagem e essa passagem que, conforme Ariès, não admite fraudes, deveria ser organizada através de determinadas cerimônias. Nenhum homem ou mulher oitocentista duvida que haja no Universo uma parte invisível e incognoscível, assim como acham que entre o mundo em que vivemos e esse outro mundo haja uma fronteira transponível.

A vida prolonga-se depois da morte e os mortos estão sempre presentes, especialmente durante cerimônias em que estão associados aos vivos. Eles são convocados constantemente nos locais de oração pelas comunidades monásticas, das quais uma das funções é, precisamente, servir aos mortos, ajudar as almas a retirarem-se para essa extensão que se imagina existir, não se sabe muito bem o que seja, mas que está aqui e nos espera<sup>62</sup>.

A partir dos testamentos oitocentistas percebemos uma relação com a morte, bastante diferente daquela que vivenciamos hoje. Pensamos como Duby que:

---

<sup>59</sup> Testamento de Ana Maria da Conceição de 27 de janeiro de 1883.

<sup>60</sup> Testamento de Benedito Pereira Leite, de 07.05.1884.

<sup>61</sup> Testamento de Vicente Antonio da Silva, de 09.11.1885.

<sup>62</sup> DUBY, op. cit., p. 124.

A morte tornava-se certamente menos aterrorizante pela certeza que se tinha de não desaparecer completamente, pela garantia de sobreviver, senão corporalmente, pelo menos sob uma outra forma, esperando a ressurreição dos mortos<sup>63</sup>.

Fazendo parte da vida, a morte poderia ser identificada como um acontecimento relativamente comum. Para homens e mulheres do século XIX, a morte ainda que trouxesse certa angústia, merecendo cuidados especiais, tinha muitas de suas mais importantes questões resolvidas através dos testamentos oitocentistas.

Uma das fontes mais utilizadas nos estudos do comportamento de homens e mulheres diante da morte, os testamentos, geralmente efetuados nos momentos que a precedem, são fartos documentos indicadores das relações com a vida e com a morte, pois expressam as últimas vontades dos testadores quanto aos seus bens materiais, assim como quanto às suas necessidades da alma<sup>64</sup>.

Os testamentos são utilizados como espaços de negociação com o além. Pois, o principal motivo ou a principal preocupação do testador ao fazer redigir esse documento era se preparar para a morte que poderia se fazer presente a qualquer momento, principalmente numa região de fronteira com conflitos armados. Muitos, no entanto, buscam esse expediente apenas ao se depararem com a iminência da morte. A década de 60 do século XIX em Cuiabá foi uma ocasião propícia para esses cuidados, pois, a população se deparava com dois flagelos representados pela Guerra do Paraguai e a proliferação da varíola.

O enfrentamento de um grande conflito como a Guerra do Paraguai trará para a população da Província de Mato Grosso e da cidade de Cuiabá uma realidade totalmente nova que acabará por facilitar a desestruturação de uma organização social que determinava as relações com a morte até então desenvolvidas em torno das irmandades religiosas e dos enterramentos nas igrejas. Os novos enfrentamentos com a morte a partir da Guerra e da peste trará à população uma dura realidade, quando se desenvolverá uma nova relação com a morte, não havendo outra alternativa além da

---

<sup>63</sup> Ibidem, idem, p. 127.

<sup>64</sup> ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros Rocha. Op. cit., p. 123.

aceitação do Cemitério da Piedade. Começamos a perceber nos testamentos indicações de enterramentos no cemitério, conforme abaixo:

Declaro que é de minha última vontade que meu corpo seja sepultado no Cemitério da Piedade, onde se acham os restos de meu finado marido e que a minha alma seja sufragada com uma missa de corpo presente <sup>65</sup>.

Quando se dava o confronto inevitável entre o pecador e a morte, seja ela apresentada através de um conflito armado, a partir das consequências da fome, decorrente de uma outra situação extraordinária ou de uma perigosa enfermidade, tornava-se então indispensável que se fizesse um testamento cristão, obedecendo às normas da Igreja Católica devendo receber em troca a tranqüilidade necessária para enfrentar esse grande momento.

## **Conclusão**

O momento da morte era conforme Vovelle, um momento que não admitia fraudes, sendo portanto indispensável muito cuidado, pois desse momento dependeria toda uma eternidade que se desejava passar em um bom lugar.

A partir da discussão proposta neste artigo e das análises dos testamentos oitocentistas buscamos apresentar e discutir algumas características que, em nosso entender aproximam realidades, preocupações e cuidados de homens e mulheres diante da morte na Europa medieval e no Brasil imperial.

Sobre o controle da Igreja homens e mulheres nasciam, viviam e morriam. Era no interior das igrejas que se desenvolviam suas vidas religiosas em torno de atividades que marcavam seu nascimento, através de rituais como as cerimônias de batizados e de casamentos.

Portanto, esses homens e mulheres viviam sob o manto sagrado da religião e da Igreja determinando e cobrando práticas consideradas indispensáveis na vida e principalmente na hora da morte.

Na hora da morte, fazer um testamento era indispensável, pois para bem morrer era preciso se desfazer dos bens terrenos para só pensar nas coisas de Deus e estar pronto para a partida. Era preciso também deixar definidos determinados cuidados e

---

<sup>65</sup> Testamento de Ana Maria de Souza Soares, de 27 de janeiro de 1870.

cerimônias de *pós mortis* como as missas, a mortalha e o lugar de enterramento, afinal, a última morada.

## Referências

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Stampa, 1975, p. 27.

\_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977<sup>a</sup>.

BAUDELAIRE. *A morte dos pobres*. In: *As flores do mal*. Edição integral, 1995, p. 289.

BÈDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*, São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 137.

BELLOMO, Harry Rodrigues (org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul – Arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

BORGES, Maria Elízia. *Arte funerária no Brasil – 1890 a 1930*. Belo Horizonte: Ed. Com arte, 2002.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula – monumento e documento*. Curitiba: Fundação cultural de Curitiba, 1995.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993, p. 601.

COSTA, Fernanda Maria Matos. *A morte e o morrer em Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado – UFJF.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos vivos: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume. 2005.

DUBY, George. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média – Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 137.

LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida – a usura na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994, p. 432.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*, São Paulo: Itatiaia/USP, 1980, p. 213.

REIS, João José. *A Morte é Uma Festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REVISTA VEJA de 10 de Agosto de 1994.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Transformações nas práticas de enterramento – Cuiabá, 1850-1889*. Cuiabá, Central de texto, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além – A secularização da morte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Famílias, formas de união e reprodução social no Noroeste português – séculos XVIII e XIX*. Guimarães – Portugal: Éden, 1999, p. 331.

SIAL, Vanessa Viviane de Castro. *Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do séc. XIX*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2005.

SILVA, Érika Amorim. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do séc. XIX – 1850/1991*. Dissertação de Mestrado – PUC/SP, 2005.

TESTAMENTO com que faleceu D. Mariana Candida de Holanda, de 29.08.1880.

TESTAMENTO com que faleceu o Cel. João de Souza, em 16.07.1879.

TESTAMENTO de Ana Maria da Conceição de 27 de janeiro de 1883.

TESTAMENTO de Ana Maria de Souza Soares, de 27 de janeiro de 1870.

TESTAMENTO de Benedito Pereira Leite, de 07.05.1884.

TESTAMENTO de Ceselina Maria de Oliveira, de 11.10.1885.

TESTAMENTO de D. Ana Maria da Conceição, de 27 de janeiro de 1883.

TESTAMENTO de D. Ana Maria da Conceição, em 27.01.1883.

TESTAMENTO de D. Mariana Candida de Holanda, de 29.08.1880.

TESTAMENTO de Henrique Carvalho Silva de 13 de outubro de 1873.

TESTAMENTO de Jacintho Ferreira Mendes, de 26.04.1881.

TESTAMENTO de João Augusto Rondon, de 1º de março de 1885.

TESTAMENTO de João Francisco de Macedo, de 24.07.1881.

TESTAMENTO de José Leite Galvão, de 03 de abril de 1864.

TESTAMENTO de Maria Francisca de Souza, de 08 de maio de 1883.

TESTAMENTO de Vicente Antonio da Silva, de 09 de Novembro de 1885.

TESTAMENTO do capitão João Pedro de Figueiredo, de 25.07.1880.

TOLSTOY, Léon. *A morte de Ivan Ilitch*, São Paulo: Itatiaia/USP, p. 166.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.